

## CRESCIMENTO ECONÔMICO EM MATO GROSSO DO SUL: POLARIZAÇÃO E HETEROGENEIDADE

ECONOMIC GROWTH IN MATO GROSSO DO SUL: POLARIZATION AND HETEROGENEITY

CRECIMIENTO ECONÓMICO EN MATO GROSSO DO SUL: POLARIZACIÓN Y HETEROGENEIDAD

Caroline Andressa Welter<sup>1</sup>

Daniel Amorim Souza Centurião<sup>2</sup>

**Resumo:** A fim de analisar a dinâmica de crescimento do estado de Mato Grosso do Sul entre os anos de 2005 a 2015. Este trabalho propôs a utilização de indicadores de ritmo e nível de crescimento econômico aplicados a todos os municípios do estado, além de verificar quais atividades econômicas apresentaram maior destaque no desempenho econômico através do quociente locacional (QL) e análise do valor adicionado. Verificou-se que as microrregiões de Iguatemi, Três Lagoas, Dourados e Paranaíba possuem maiores quantidades de municípios desenvolvidos em expansão e que estes estão fortemente especializados em atividades agroindustriais, destacando-se como polos de crescimento regional.

**Palavras-chave:** Economia Regional. Estrutura Produtiva. Especialização.

**Abstract:** In order to analyze the growth dynamics of the state of Mato Grosso do Sul between the years 2005 to 2015. This work proposed the use of indicators of rhythm and level of economic growth applied to all municipalities in the state, in addition to verifying which economic activities showed greater preeminence in the economic performance, through the locational quotient (QL) and analysis of added value. Noting that the micro-regions of Iguatemi, Três Lagoas, Dourados and Paranaíba have the largest number of developed municipalities in expansion and that they are strongly specialized in agro-industrial activities, standing out as regional growth poles.

**Keywords:** Regional Economy. Productive Structure. Specialization.

**Resúmen:** Para analizar la dinámica de crecimiento del estado de Mato Grosso do Sul entre los años 2005 a 2015. Este trabajo propuso el uso de indicadores de ritmo y nivel de crecimiento económico aplicados a todos los municipios del estado, además de verificar qué actividades económicas mostraron mayor importancia en el desempeño económico a través del cociente de ubicación (QL) y el análisis del valor agregado. Se descubrió que las microrregiones de Iguatemi, Três Lagoas, Dourados y Paranaíba tienen un mayor número de

---

<sup>1</sup> Mestre em Economia. Bolsista de Coordenação e Pesquisa em Inovação Tecnológica – FUNDECT. Campo Grande/MS. E-mail: [carolwelter01@gmail.com](mailto:carolwelter01@gmail.com). Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7848979975859269>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6389-7263>.

<sup>2</sup> Mestre em Economia. Professor Substituto – UEMS. Campo Grande/MS. E-mail: [dancenturiao@gmail.com](mailto:dancenturiao@gmail.com). Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1335050500469418>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8372-6269>.

municípios desenvolvidos em expansão y que están fuertemente especializadas en actividades agroindustriales, destacándose como centros de crecimiento regional.

**Palabras Clave:** Economía regional. Estructura productiva. Especialización.

## Introdução

O Mato Grosso do Sul desde o ano de 2013 vem apresentando quedas nas taxas reais de crescimento do PIB – Produto Interno Bruto, saindo de um crescimento próximo de 5 pontos percentuais (p.p.) para taxas reais menores que 1 p.p. no ano de 2016. Neste mesmo período é possível visualizar uma redução relativa do VA – Valor Adicionado nos setores primário, secundário e terciário, sendo que o primeiro chegou a um crescimento real negativo da ordem de -8,8 p.p. em taxas reais no ano de 2016, e o setor terciário com taxas reais negativas consecutivas em 2015 e 2016, de -1,59 p.p. e -1,54 p.p. respectivamente, conforme os dados das contas regionais do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e SEMAGRO – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar.

No que tange aos níveis de ocupação de pessoas de 14 anos ou mais, segundo dados da PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua Trimestral, a desocupação atingiu em 2015 seus maiores níveis desde o segundo trimestre de 2012, alcançando a casa dos 83.000 desocupados no terceiro trimestre deste referido ano.

Dentre os setores econômicos, aqueles que contribuíram sobremaneira para esta acentuada retração da economia sul-mato-grossense foram a construção civil com -4,4 p.p. além da indústria extrativa mineral, serviços da indústria e utilidade pública. A boa safra de grãos em 2015, possibilitou que a agropecuária contribuísse para a sustentação da atividade econômica, com um crescimento de 10 p.p., assim como o fez a indústria de transformação, fortemente vinculada às atividades primárias, apresentando uma taxa positiva de crescimento 1,3 p.p. em seu produto, segundo dados do IBGE (2015).

Este cenário demonstra as proporções dos impactos gerados pelo período recessivo da economia brasileira, que se agravou severamente em 2015, com uma retração de 3,5 p.p., sendo ainda pior em 2016 com -3,6 p.p. Diante desta breve explanação justifica-se a necessidade de um olhar pormenorizado sobre o crescimento dos municípios do Mato Grosso do Sul, a fim de identificar suas características de crescimento no período.

Frente ao exposto, esse artigo tem por objetivo analisar o desempenho econômico dos municípios de Mato Grosso do Sul, com base no ritmo e nível de crescimento econômico.

Para atingir este objetivo, verificou-se também quais atividades econômicas apresentaram maior destaque no desempenho econômico dos municípios. Tais análises foram descritivas utilizando o PIB *per capita* como variável chave e o período de 2005 a 2015 como recorte temporal do estudo.

Este tipo de análise tem como finalidade detalhar aspectos que são chaves no crescimento econômico regional, e assim, oferecer apontamentos a grupos representativos e ao poder público sobre as principais características que levam a região ao crescimento, bem como, a atualização dos indicadores propostos para anos anteriores apresentados na literatura. Além de propor uma orientação na formulação de políticas públicas, principalmente, as de natureza econômica.

A escolha deste período ocorreu devido a considerável retração verificada em relação ao PIB e a desocupação no estado. Além disso, pretendeu-se dar sequência a uma linha de trabalhos, como os de Lima, Piffer e Ostapechen (2016), Constantino, Pegorare e Costa (2016) e Frainer et al. (2017), que analisaram o crescimento e desenvolvimento econômico nas regiões sul-mato-grossenses, de modo a atualizar esta análise para anos mais recentes.

### **Revisão da literatura**

Segundo Almeida (2013, p. 2), “a partir dos anos 1940-1950, os estudos relativos ao desenvolvimento regional começaram a ganhar força e a se firmar como campo de conhecimento específico”. Até os anos de 1970 a produção teórica relacionada à economia regional estava assentada sobre duas grandes correntes teóricas. A primeira, a teoria clássica de localização, consiste em um conjunto de trabalhos que buscavam definir as questões que afetavam a decisão locacional das firmas, levando em conta o custo de transporte para determinar a sua localização ótima. A segunda, a teoria de desenvolvimento regional, tem ênfase nas políticas baseadas no conceito de aglomeração e suas externalidades (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Na teoria de desenvolvimento regional, destaca-se o autor Albert Hirschman, o qual expõe que o crescimento econômico não ocorre por todo o território ao mesmo tempo, porém quando surge, causa forças poderosas que incentivam a concentração das atividades em espaços locais (HIRSCHMAN, 1961). Destaca a importância dos desequilíbrios, onde uma economia buscando atingir maiores níveis de renda deve criar pontos de crescimento. O desenvolvimento em uma região específica causa influências no sentido de impulsionar o

crescimento de regiões próximas (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Se alinham a estes entedimentos as ideias de Marshall (1890) que propõe como desvantagem locacional a especialização da mão de obra, no entanto, um processo de equalização pode ser verificado a medida que outras atividades podem se instalar ao redor de uma indústria, concentrada, e então capturar mão de obra, assim a combinação entre a localização da indústria e a variedade de emprego gera a possibilidade de crescimento contínuo a região.

Hirschman (1961) aborda o termo “encadeamentos” ou “efeitos em cadeia” que podem ser “para trás” e “para frente”. Os efeitos em cadeia para trás são gerados por atividades econômicas que estimulam a produção interna a gerar os insumos necessários para sua existência, e os encadeamentos para frente são gerados por atividades que não atendem a uma demanda final, pois ainda terão seus produtos utilizados como insumos de outras atividades.

Perroux (1955) desenvolve a teoria dos polos de crescimento, que tem como ponto de partida a análise de um núcleo gerador de crescimento, a indústria motriz, que apresenta um crescimento do produto acima da taxa média de crescimento do produto industrial e do produto total da economia. As firmas que são influenciadas pela indústria motriz são as chamadas indústrias movidas.

Perroux (1955) admite que as firmas possuam uma relação de interdependência, não mais ligadas apenas pelo preço adotado pelas demais, mas também ligadas entre si pelas vendas dos produtos e aquisições de fatores de produção. O autor aborda o termo de complexos industriais, que possui três características comuns: presença de indústria-chave, concorrência oligopolista e aglomeração territorial. O polo industrial complexo, geograficamente localizado, modifica a estrutura interna da economia e o seu meio geográfico imediato. Os complexos industriais, considerados como centros de acumulação e aglomeração de recursos humanos e de capitais, dão origem a outros complexos com as mesmas características.

Quando dois desses complexos industriais se comunicam, grandes mudanças no cenário econômico são verificadas. O crescimento do mercado, quando é dado pelos polos industriais territorialmente aglomerados, não acontece de forma distribuída. Verifica-se uma concentração de polos de crescimento no espaço geográfico<sup>3</sup>, intensificando as disparidades

---

<sup>3</sup> Podendo ser entendido conforme a proposta de Santos (2002, p.66) “... tratamento analítico do espaço como um

inter-regionais. Neste sentido, Perroux afirma que “o crescimento não aparece simultaneamente em toda parte. Ao contrário, manifesta-se em pontos ou polos de crescimento, com intensidades variáveis, expande-se por diversos canais e com efeitos finais variáveis sobre toda a economia” (PERROUX, 1955, p. 146).

Neste sentido, para Perroux (1967) crescimento e desenvolvimento só serão obtidos com a ação do estado na coordenação dos efeitos e meios de propagação dos polos de crescimento por todo o território, em função das atividades exercidas pelas empresas líderes e indústrias motrizes, as quais interferem na dinâmica econômica de outras regiões e indústrias, por meio das economias externas, inovações e ambiente propício para o crescimento.

A ciência regional sempre se utilizou de métodos e análises para tentar captar as características e padrões das economias. Esses métodos são titulados de métodos de análise regional e compõem-se, dentre outros, das medidas de localização e especialização (MATTEI; MATTEI, 2017).

De acordo com Suzigan et al. (2003) a composição de indicadores ou medidas de concentração admitem averiguar a distribuição espacial, identificar especializações regionais e mapear movimentos de deslocamento regional das atividades econômicas, sejam resultantes de processos de concentração ou de descentralização econômica. Nesta perspectiva, estes indicadores estão bastante difundidos nos estudos e análises de economia regional.

Em Mato Grosso do Sul, Lima, Piffer e Ostapechen (2016), Constantino, Pegorare e Costa (2016), Frainer et al. (2017), Corrêa et al. (2018) e Constantino et al. (2019) utilizaram indicadores regionais para analisar o desempenho econômico dos municípios e regiões em diferentes períodos.

Lima, Piffer e Ostapechen (2016) analisaram o crescimento econômico regional das microrregiões de Mato Grosso do Sul, nos anos de 2003, 2007 e 2010. O PIB *per capita* destas regiões apresentaram um crescimento ascendente a partir de 2007. Das 11 microrregiões do estado, 5 apresentaram nível de crescimento acima da média estadual, sendo elas: Baixo Pantanal, Três Lagoas, Cassilândia, Nova Andradina e Alto Taquari. Destas, apenas Três Lagoas, Baixo Pantanal e Nova Andradina apresentaram um ritmo dinâmico de crescimento no período. Como foi utilizada uma variável ponderada pela população, verificaram que as microrregiões mais populosas permaneceram como estagnadas, enquanto a periferia avançou em termos de crescimento.

---

conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações.”, vale, porém a observação de que o sentido proposto no texto foi evidenciar o avanço do crescimento se espraiando ao longo do espaço.

Constantino, Pegorare e Costa (2016) analisaram o desempenho do IDH e PIB *per capita* para os municípios de Mato Grosso do Sul entre 2000 e 2010, através da análise de convergência dada pelo coeficiente de variação. Observaram uma taxa de crescimento do PIB *per capita* entre 2000 e 2010 mais exponencial nos municípios periféricos à região central do estado. No teste de convergência, a diferença nas variáveis IDH e PIB *per capita* tenderam a diminuir. Concluíram queda nas desigualdades sociais e econômicas, indicando um avanço na qualidade de vida da população sul-mato-grossense.

Frainer et al. (2017) construíram o Índice de Desenvolvimento Sustentável para os municípios do estado. Para o cálculo do índice foram consideradas quatro dimensões: social, econômica, ambiental e institucional. Campo Grande, Dourados e Três Lagoas foram os três melhores colocados no ranking, sendo Mundo Novo, Laguna Carapã e Eldorado os piores colocados. Chapadão do Sul e São Gabriel do Oeste ficaram na 4ª e 5ª colocação respectivamente, mas apresentaram baixos valores nos indicadores das dimensões ambientais e institucionais.

Corrêa et al. (2018) analisaram a evolução da concentração da população urbana e rural no estado entre 1970 e 2010. Com o uso do QL, verificaram uma ampla concentração da população rural enquanto que a concentração da população urbana diminuiu. Verificou-se a composição de cidades com pequenos núcleos urbanos e dependentes de atividades agropecuárias, principal atividade econômica do estado. Destacaram acentuado processo migratório, com crescimento exponencial da população urbana a partir dos anos 2000.

Constantino et al. (2019) analisaram os municípios do Corredor Bioceânico de acordo com sua característica econômica. Pelas análises descritivas, Campo Grande, Maracaju, Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti apresentaram os maiores PIB *per capita*, com participações expressivas no Valor Bruto da Produção - VBP no agronegócio. Destas apenas Campo Grande tem alta participação do Valor Adicionado Bruto - VAB da indústria e dos serviços. Os demais municípios do corredor bioceânico que tiveram em média, baixa variação na renda e participação no VAB total, mantêm sua economia com importante participação da administração pública.

A revisão empírica permitiu verificar alguns pontos significativos sobre a evolução do estado nos últimos vinte anos. Houve crescimento significativo em termos de produto, que refletiu no desenvolvimento, prioritariamente em melhorias da qualidade de vida. Existem indícios, de avanços no sentido ambiental da questão do desenvolvimento, porém, estes

avanços são heterogêneos ao longo do território estadual.

### Metodologia

A fim de avaliar o desempenho econômico dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul, utilizou-se a combinação de dois indicadores econômicos, o índice de nível de crescimento (INC) e o índice de ritmo de crescimento (IRC). Ambos calculados a partir do PIB *per capita*, disponibilizado pelo IBGE, deflacionado a preços de 2015, conforme as equações (1) e (2).

Segundo Piacenti (2016), o INC determina o nível de crescimento econômico dos municípios em relação à média do estado para um determinado período de tempo, neste caso, 2015. E o IRC pode ser interpretado da mesma maneira, porém o único diferencial é que este índice determina o ritmo de crescimento econômico entre dois períodos de tempo, neste caso, entre 2005 e 2015.

$$INC = \text{PIB}_{pci} / \text{PIB}_{pcm} \times 100 \quad (1)$$

Em que:  $\text{PIB}_{pci}$ : PIB *per capita* do município *i*;  $\text{PIB}_{pcm}$ : PIB *per capita* médio do estado de MS.

$$IRC = [(\pi/\psi) - 1] / [(K/\Phi) - 1] \times 100 \quad (2)$$

Em que:  $\pi = \text{PIB}_{pci,2015} = \text{PIB per capita}$  do município *i* em 2015;  $\psi = \text{PIB}_{pci,2005} = \text{PIB per capita}$  do município *i* em 2005;  $K = \text{PIB}_{pcm,2015} = \text{PIB per capita}$  médio do estado de MS em 2015;  $\Phi = \text{PIB}_{pcm,2005} = \text{PIB per capita}$  médio do estado de MS em 2005.

O INC permite classificar os municípios nos níveis de alto, médio ou baixo potencial de desenvolvimento econômico, conforme demonstrado no Quadro 1. O IRC também permite classificar os municípios, em estagnados, recessivos ou depressivos, conforme ilustrado na Tabela 2. Ambos os índices permitem interpretar que aqueles municípios que superaram 100%, obtiveram um nível e um ritmo de crescimento superior à média do estado, sendo representado pela classificação “significativo” [grifo nosso] nos quadros abaixo.

**Quadro 1** - Classificação do INC.

Potencial de desenvolvimento econômico	Faixa em % do INC
Significativo	Superior a 100
Alto	80 a 100
Médio	50 a 80
Baixo	20 a 50

Fonte: Adaptado de Piacenti (2016).

**Quadro 2** - Classificação do IRC.

Classificação do Ritmo de Crescimento	Faixa em % do IRC
Significativo	Superior a 100
Estagnado	30 a 100
Recessivo	0 a 30
Depressivo	- 100 a 0

Fonte: Adaptado de Piacenti (2016).

Feita a análise individual de cada indicador, foi possível combiná-los de forma a verificar a situação de desenvolvimento de cada município, seguindo a classificação descrita no Quadro 3. Neste caso, a denominação “alto” [grifo nosso] significa que o município apresentou um índice superior à média do estado, ou seja, o índice foi significativo (superior a 100%) e a denominação “baixo” [grifo nosso] significa que o município apresentou um índice inferior à média do estado.

**Quadro 3** - Combinação da forma tradicional dos indicadores INC e IRC.

Classificação do Município	Tipo	Nível de Crescimento	Ritmo de Crescimento
Desenvolvidos em Expansão	AA	Alto	Alto
Desenvolvidos em Declínio	AB	Alto	Baixo
Em Desenvolvimento	BA	Baixo	Alto
Deprimidos	BB	Baixo	Baixo

Fonte: Adaptado de Piacenti (2016).

Para identificar quais atividades econômicas possuem maior contribuição sobre o desempenho econômico dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul, foi utilizado um indicador usualmente praticado nos estudos de natureza regional, o Quociente Locacional (QL), que possibilita identificar os setores mais especializados (potenciais) em diferentes regiões comparadas a uma região de referência, segundo Alves (2012).

Para o cálculo do QL é necessário delimitar os setores que se pretende analisar, bem como, a região de análise. Neste trabalho, a determinação dos setores seguiu a classificação do

IBGE, que corresponde aos cinco grandes setores, agropecuária, indústria, construção civil, serviços e comércio. A análise foi contemplou os 79 municípios do estado, utilizando como referência o próprio estado.

O cálculo do QL (equação (3)) envolve a utilização da variável pessoal ocupado, porém devido à dificuldade de acesso a essa variável ao nível de desagregação necessária (para os cinco setores), optou-se por utilizar o emprego formal disponibilizado pelo Ministério do Trabalho (MTE-RAIS) como *proxy*. Segundo Alves (2012), a análise deste indicador é feita da seguinte maneira: quando o QL for superior a um, considera-se que o setor em análise é especializado naquela região *j* e quando for inferior a um, o setor não é especializado naquela região *j*.

$$QL = (E_{ij}/E_{it}) / (E_{tj}/E_{tt})(3)$$

Em que:  $E_{ij}$  = Emprego do setor *i* no município *j*;  $E_{it}$  = Emprego total do setor *i* no estado de MS *t*;  $E_{tj}$  = Emprego total no município *j*;  $E_{tt}$  = Emprego total no estado de MS.

Um ponto importante apontado por Alves (2012), é a limitação do QL por utilizar única variável para cálculo, visto que regiões e setores em análise podem apresentar padrões muito distintos na utilização da mão de obra, bem como em sua produtividade. Neste sentido, o autor sugere utilizar o Valor Adicionado - VA ou o Produto Interno Bruto - PIB setorial das regiões para complementar a análise, sugestão acolhida neste trabalho.

## Resultados e discussões

Com base na aplicação dos índices de nível e ritmo de crescimento para todos os 79 municípios do estado de Mato Grosso do Sul, foi possível analisar o crescimento econômico no período de 2005 a 2015. De acordo com a Tabela 1, 32% dos municípios apresentaram crescimento econômico significativo, ou seja, níveis de crescimento superior à média estadual. Nos níveis de crescimento alto e médio, verificou-se um volume expressivo de municípios, representando 63% do total, este fato indica que podem estar economicamente deprimidos, em situação de concentração de renda.

**Tabela 1-** Percentual dos municípios conforme a classificação do Nível de Crescimento em 2015.

Potencial de Desenvolvimento Econômico	Faixa em % do INC	Número de Municípios	% de Municípios
Significativo	Superior a 100	25	32%
Alto	80 a 100	20	25%
Médio	50 a 80	30	38%
Baixo	20 a 50	4	5%

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

O indicador de ritmo de crescimento evidenciou que apenas 44% dos municípios de Mato Grosso do Sul tiveram um crescimento acima da média estadual ao longo do período de 2005 a 2015 e 56% tiveram um ritmo de crescimento inferior à média, com 8 municípios que declinaram em crescimento, caracterizados como depressivos, conforme Tabela 2.

**Tabela 2-** Percentual dos municípios conforme a classificação do Ritmo de Crescimento entre 2005 e 2015.

Classificação do Ritmo de Crescimento	Faixa em % do IRC	Número de Municípios	% de Municípios
Significativo	Superior a 100	34	44%
Estagnado	30 a 100	32	41%
Recessivo	0 a 30	4	5%
Depressivo	- 100 a 0	8	10%

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Esses resultados reiteram a necessidade de sempre analisar outras variáveis ou incorporar o cálculo de indicadores quando se analisa o PIB *per capita*, pois em sua forma absoluta não seria possível verificar o desempenho de cada município em termos de crescimento econômico. Apesar de Constantino, Pegorare e Costa (2016) verificarem um crescimento da renda nestes municípios, com redução da desigualdade social, somente 34 municípios sul-mato-grossenses usufruíram de um ritmo de crescimento acelerado em comparação com o restante do estado.

Pela combinação dos indicadores de nível e ritmo de crescimento, a Tabela 3 apresenta as classificações dos municípios, sendo 14 classificados como desenvolvidos em expansão, 10 como desenvolvidos em declínio, 20 em desenvolvimento e 34 como deprimidos.

**Tabela 3** - Combinação dos indicadores econômicos: Nível de Crescimento (ano de 2015) e Ritmo de Crescimento (entre 2005 e 2015), para os municípios de Mato Grosso do Sul.

Classificação do Município	Tipo	Nível de Crescimento	Ritmo de Crescimento	Número de Municípios	% de Municípios
Desenvolvidos em Expansão	AA	Alto	Alto	14	18%
Desenvolvidos em Declínio	AB	Alto	Baixo	10	13%
Em Desenvolvimento	BA	Baixo	Alto	20	26%
Deprimidos	BB	Baixo	Baixo	34	44%

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Os municípios desenvolvidos em expansão listados na Tabela 4 estão localizados nas microrregiões de Iguatemi, Três Lagoas, Dourados e Paranaíba e foram ilustrados espacialmente na Figura 1. As duas primeiras microrregiões apresentaram INC acima da média estadual no trabalho de Lima, Piffer e Ostapechen (2016).

**Tabela 4**-Municípios Desenvolvidos em expansão.

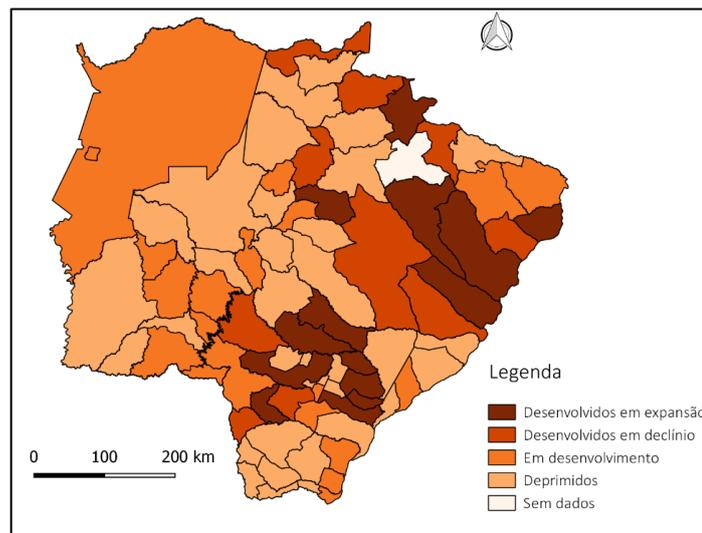
Município	INC 2015	IRC 2005-2015
Angélica	168,51	575,31
Novo Horizonte do Sul	103,00	370,50
Ivinhema	110,90	360,34
Água Clara	194,15	236,85
Jateí	152,47	225,49
Nova Alvorada do Sul	184,93	211,38
Três Lagoas	220,94	182,63
Bandeirantes	135,43	181,98
Aparecida do Taboado	104,92	173,55
Rio Brilhante	154,44	161,81
Brasilândia	152,42	146,71
Costa Rica	211,77	145,51
Dourados	109,36	129,27
Laguna Carapã	172,57	103,64

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Estes municípios estão localizados em microrregiões (MCR) vocacionadas na atividade primária. Nos municípios da região leste do estado (MCR de Três Lagoas e Paranaíba, principalmente) as indústrias estão direcionadas ao processamento de madeira, papel e celulose. Na região do cone sul, envolvendo os municípios do entorno de Dourados e Iguatemi, sobressai à produção agropecuária, vinculando a atividade industrial direcionada ao processamento de grãos ou beneficiamento de insumos para abastecimento da agropecuária. De forma geral, os municípios destacados como desenvolvidos em expansão, apresentaram no

período de 2010 a 2015 uma evolução significativa no incremento do valor adicionado da agropecuária, atividade esta, que puxou o crescimento destes municípios. A indústria também apresentou incremento do valor adicionado, na maior parte destes municípios.

**Figura 1** - Classificação dos municípios de Mato Grosso do Sul, de acordo com a combinação dos indicadores de nível de crescimento e ritmo de crescimento.



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE.

Esta forte vinculação regional agroindustrial favoreceu os municípios sinalizados como em expansão, pois os mesmos apresentaram boas produções primárias, que por sua vez, impulsionaram a indústria a ela vinculada. Um detalhe numérico sobre esta questão é apresentado na Tabela 5. Além disso, a destinação final da produção destas regiões é bastante voltada ao comércio internacional.

**Tabela 5** - Variação do Valor Adicionado Bruto por setor de atividade a preços correntes entre 2010 - 2015.

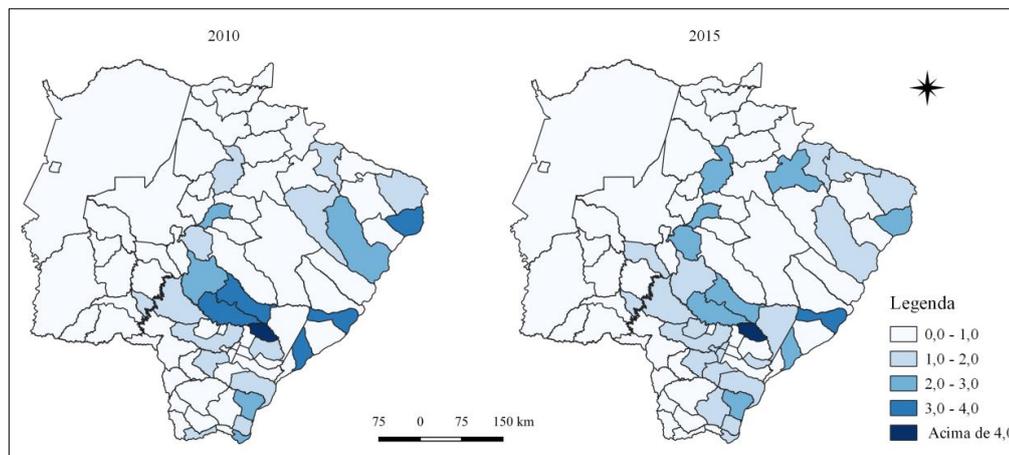
Municípios	Agropecuária	Indústria	Comércio e Serviços
Angélica	8%	-10%	2%
Novo Horizonte do Sul	-2%	1%	0%
Ivinhema	-4%	6%	-3%
Água Clara	0%	16%	-17%
Jateí	5%	0%	-5%
Nova Alvorada do Sul	0%	-2%	3%
Três Lagoas	-6%	6%	0%
Bandeirantes	6%	0%	-6%
Aparecida do Taboado	3%	-5%	2%
Rio Brilhante	-3%	-4%	7%
Brasilândia	5%	-3%	-2%
Costa Rica	2%	6%	-8%
Dourados	1%	-1%	1%
Laguna Carapã	1%	-1%	1%
Total	16%	8%	-25%

Fonte: IBGE/CONAC, SEMAGRO/MS.

Enquanto estas duas atividades contribuíram de forma significativa para a posição de expansão destes municípios, o comércio e os serviços mostraram-se fragilizados e com dificuldades de impulsionar a atividade econômica em termos de geração de valor adicionado ao produto. Este fato pode ser explicado pelos setores de comércio e serviços terem uma vinculação direta com a intensidade da atividade econômica local, sobretudo com a geração de emprego e renda. Como visto até 2015, houve uma tendência declinante do produto e emprego, refletindo na disponibilidade de renda. Assim, as primeiras atividades afetadas por este tipo de tendência foram o comércio e serviços.

Com a aplicação do indicador de especialização produtiva, foi possível mapear e identificar as atividades econômicas especializadas nos municípios de Mato Grosso do Sul. Para isso, considera-se especializado o município que apresentou valores superiores a 1. Na Figura 2 foram apresentados os QLs de cada setor analisado, onde as cores azuis mais fortes significam um QL relativamente maior, portanto, refletem especialização naquele setor produtivo.

**Figura 2** - Quociente Locacional (QL) da indústria para os municípios de Mato Grosso do Sul, em 2010 e 2015.



Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS/MTE.

Para a indústria, pequenas foram as mudanças com relação à distribuição espacial nos municípios especializados. Ocorreu redução da atividade industrial nos municípios com maiores indicadores no ano de 2010 em relação a 2015, efeito que denota diretamente dois aspectos: redução da participação da indústria na geração de postos de trabalho, e consequentemente, da capacidade produtiva da indústria nestes municípios.

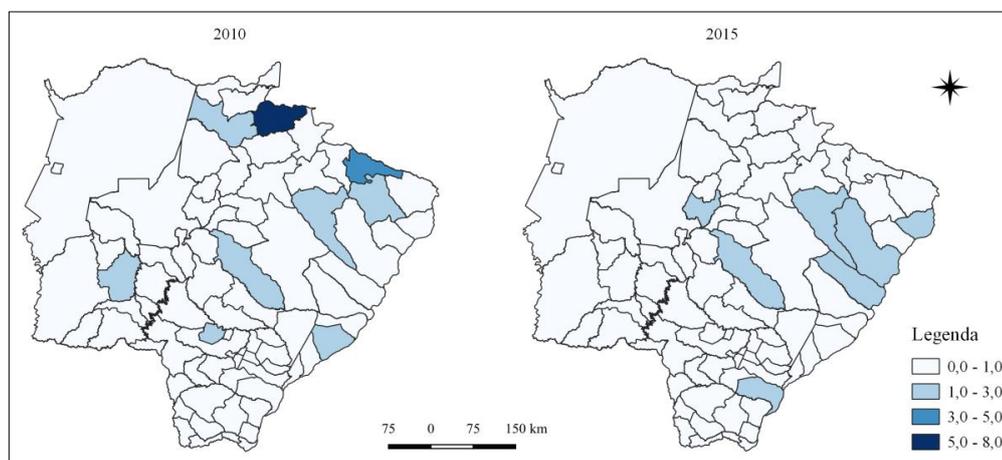
Os destaques na indústria vão para os municípios de Angélica, Bataguassu, Batayporã, Nova Alvorada do Sul, Aparecida do Taboado e Rio Brillhante. Estes municípios por serem grandes produtores de florestas plantadas, de cana de açúcar, de rebanhos bovinos, em certa medida, com produção leiteira, e de grãos, acabaram por integrar indústrias complementares às suas bases produtivas vocacionais, como usinas de produção de etanol, serrarias e indústrias de beneficiamento de madeira e móveis, laticínios e frigoríficos.

Outro fator que contribuiu para a atração de indústrias nestes municípios foi a mão de obra a custos mais acessíveis e com altas parcelas da população total em idade economicamente ativa. Essas indústrias “base” absorveram grande parte da mão de obra local e, na sequência, naturalmente demandaram um parque industrial secundário, de abastecimento, que por vezes é constituído no próprio município, dinâmica esclarecida por Marshall (1890).

Bataguassu, Batayporã e Angélica contam ainda com um conjunto significativo de estabelecimentos industriais minerais, metal mecânicos, confecção e fabricação têxtil, em decorrência do custo de mão de obra e de fatores externos, como a isenção fiscal e o posicionamento geográfico extremamente privilegiado na fronteira com o estado de São

Paulo.

**Figura 3** - Quociente Locacional (QL) da construção civil para os municípios de Mato Grosso do Sul, em 2010 e 2015.



Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS/MTE.

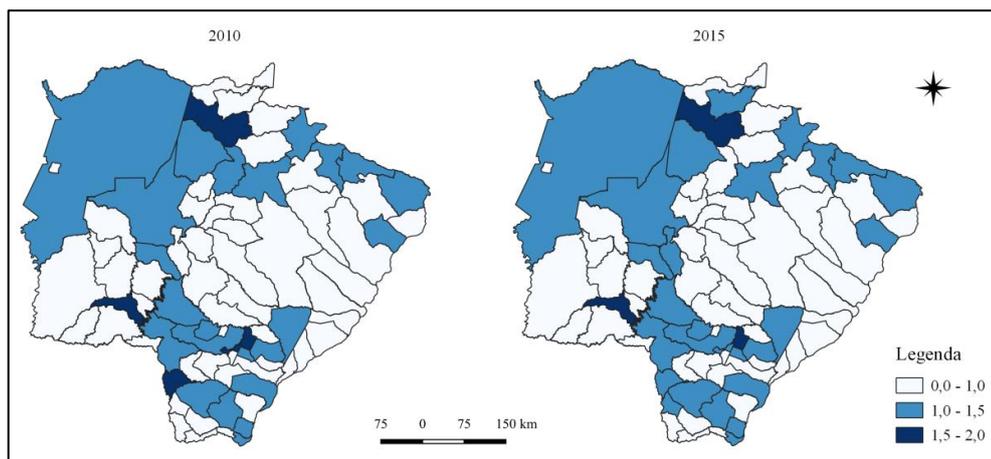
Na construção civil foi possível verificar uma extensa área de municípios não especializados. Entre 2010 e 2015 a construção civil em todo o país esteve em sérios apuros, sendo um dos setores que mais demitiu, em decorrência dos cortes de grandes programas governamentais de financiamento habitacional, principal deles, o Minha Casa Minha Vida – MCMV e impactos da crise econômica de 2008. O Mato Grosso do Sul não possuiu forte tradição no setor de construção civil de base industrial e na produção de máquinas, sendo apenas produtor de insumos e ainda assim de forma bastante concentrada.

Diante disso, fica notável a concentração da construção civil na costa leste do estado, nos municípios de Brasilândia, Água Clara, Três Lagoas e Aparecida do Taboado. Esta concentração ocorre em torno de um forte complexo cerâmico, disposto principalmente em Brasilândia, que está associado à disponibilidade de matéria-prima local para o desempenho da atividade. Outros municípios apresentaram especialização produtiva, porém estão associados ao serviço de construção propriamente dito, como empreiteiras, incorporadoras e engenharias, como é o caso de Campo Grande, que pela necessidade de seu contingente populacional abriga grande volume de empresas desta natureza.

No computo do valor adicionado da indústria (Tabela 5) a construção civil é um dos setores componentes. Dada a sua forte retração em alguns municípios, ela foi responsável por grande parte da queda deste indicador, bem como, da redução do número de postos de trabalho.

Os setores de comércio e serviços foram mais especializados em regiões onde a indústria não ocupa tanto espaço, assim, o comércio de abastecimento se sobrepõe, sobretudo para atender a população rural. Destaques para as atividades varejistas de abastecimento, comércio de peças e equipamentos e insumos para agropecuária.

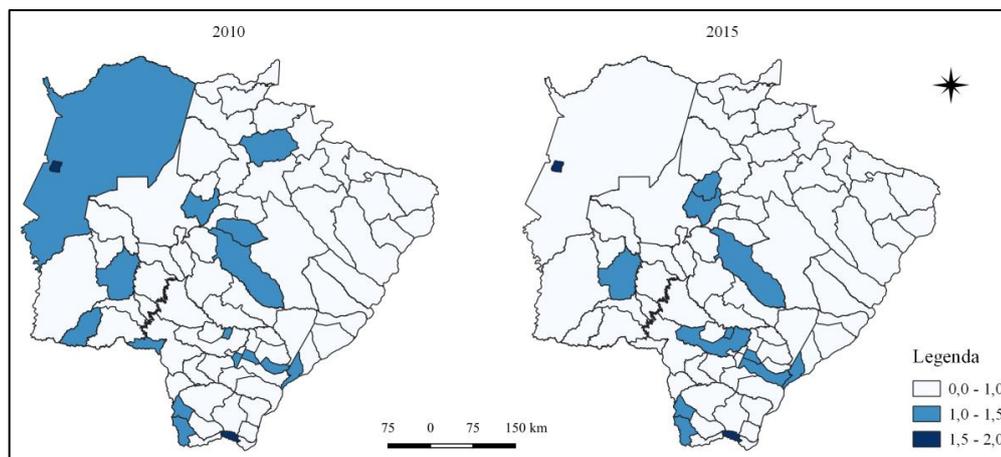
**Figura 4** - Quociente Locacional (QL) do comércio para os municípios de Mato Grosso do Sul, em 2010 e 2015.



Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS/MTE.

Entretanto, há casos mais específicos de municípios, como Bonito, Bodoquena, Aquidauana e Corumbá, que possuem atividades de serviços turísticos, como hotéis, pousadas, pesqueiros, restaurantes e outros atrativos, que são muito ligados a beleza ecológica e vocação turística destes locais. E Ladário que conta com um contingente populacional mais sofisticado no sentido da demanda, que acaba impactando o setor de serviços, que são os militares.

**Figura 5** - Quociente Locacional (QL) de serviços para os municípios de Mato Grosso do Sul, em 2010 e 2015.



Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS/MTE.

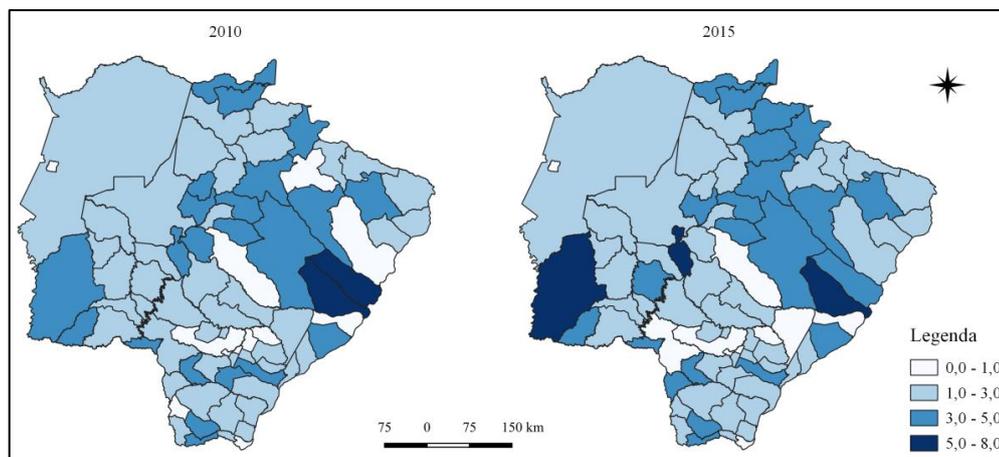
Os demais municípios que não possuem vinculação ao turismo têm destaque no comércio para atividades como farmácias, supermercados, materiais de construção, autopeças para veículos e máquinas, por exemplo. A variação do contingente de empresas neste caso esteve intimamente associada com o volume populacional, e consequentemente, com a demanda associada.

O volume da população rural para abastecimento e participação relativa de funcionários do serviço público em relação ao total da população também condicionaram os níveis de demanda dos municípios com base produtiva especializada no comércio e serviços. Assim, a especialização produtiva no período não apresentou significativa mudança.

Na agropecuária ocorreu o deslocamento da especialização produtiva da região centro sul para a região centro leste, demonstrando claramente o avanço da fronteira agrícola e sinalizando certa diversificação das atividades produtivas da agropecuária, que se intensificou a partir dos anos 2000.

Além da produção de soja e milho, principais atividades em volume de produção, a pecuária de corte, a cana de açúcar e a silvicultura somaram na composição da grande estrutura produtiva agropecuária do estado. Dentre os anos 2008 e 2010 houve a ampliação significativa das áreas plantadas com cana de açúcar e eucalipto em antigas áreas de pastagem. Os municípios que apresentaram destaque em especialização produtiva na agropecuária foram Porto Murtinho, Dois Irmãos do Buriti e Santa Rita do Pardo.

**Figura 6** - Quociente Locacional (QL) da agropecuária para os municípios de Mato Grosso do Sul, em 2010 e 2015.



Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS/MTE.

Pelos dados revelados com o indicador de especialização em 2015, Mato Grosso do Sul tornou-se mais especializado na indústria em 39% dos seus municípios e o mesmo se verificou no comércio e agropecuária, com 41% e 89% dos municípios especializados nestes setores, respectivamente. O número de municípios especializados em construção civil foi de 9% e no setor de serviços de 16%.

Comparativamente a 2010, indústria, agropecuária e comércio apresentaram incremento no percentual de municípios especializados, com crescimentos de 9%, 6% e 3%. Já serviços e construção civil apresentaram uma redução neste percentual, de -6% e -2% respectivamente. Este movimento indica um setor agropecuário predominante, intensificando seus vínculos com a indústria, que tem aproveitado vantagens locais de custos, posicionamento geográfico, acesso a matéria prima e a mercados, aliados a incentivos fiscais para implantar suas operações.

Em contrapartida, o dinamismo local movimentou o comércio, porém toda essa dinâmica acontece de forma sobressalente em alguns municípios, enquanto outros ficam às margens do processo, gerando heterogeneidade espacial conforme aponta Hirschman (1961) sobre o processo de dinamização e crescimento da economia.

Estes fatos foram corroborados pela análise do valor adicionado setorial, que demonstrou que a agropecuária e a indústria tiveram destaque na geração total de valor adicionado ao produto no período analisado, o que não ocorreu com o comércio e serviços.

Os indicadores de crescimento também permitiram verificar o crescimento polarizado no sentido de Perroux (1955), pois os municípios considerados mais dinâmicos –

desenvolvidos em expansão – demonstraram compor a dinâmica entre agropecuária e indústria. Enquanto que municípios deprimidos, se sobressaíram na especialização de setores dependentes de dinamismo econômico, como acontece com comércio e serviços. Por conta desta falta de dinamismo e, sobretudo, pelos momentos de crise econômica deste período, o crescimento econômico destes municípios não ocorreu ou enfraqueceu.

Os indicadores de análise regional cumpriram seu papel ao evidenciar tais dinâmicas, conforme proposto por Suzigan et al. (2003) e Mattei e Mattei (2017). As noções de que a periferia tem avançado em níveis de crescimento maiores que as regiões centrais, corroboram com as análises de Lima, Piffer e Ostapechen (2016), onde o município e a região de Campo Grande são exemplos desta questão. Outra consideração importante é a tendência de crescimento apresentada apesar dos recentes efeitos da crise econômica.

Em relação as considerações de Constantino, Pegorare e Costa (2016), o destaque das regiões periféricas também foi confirmado, valeria maior investigação no sentido do argumento da melhoria da qualidade de vida. Certamente esta melhoria sofre influência da atividade econômica, que sendo esta, polarizada em termos de dinamismo e crescimento, a qualidade de vida tende a seguir na mesma direção: municípios mais dinâmicos economicamente obtêm níveis de qualidade de vida relativamente maiores, porém vale salientar que o crescimento econômico isoladamente não é condição suficiente.

A vinculação vocacional do setor agropecuário em grande parte dos municípios e a intensificação da especialização da maioria deles neste setor contribuiu com os argumentos de Corrêa et al. (2018), ao mesmo passo que depõem em favor da dependência do funcionalismo público em determinados municípios apontado por Constantino et al. (2019).

## **Conclusões**

Ao realizar uma análise do desempenho econômico do estado de Mato Grosso do Sul, este trabalho se conjuga a outros, buscando evidenciar, a partir de indicadores, alguns aspectos da mecânica da economia para o período de 2005 a 2015, período este que teve um severo agravamento da recessão econômica em nível nacional, com seu auge em 2015, tendo seus impactos percebidos nos municípios de todo o estado.

Com este cenário, houve um heterogêneo avanço em relação ao crescimento dos municípios ao longo de todo o estado, e boa parte dos mesmos sofreu diretamente com o cenário recessivo apresentado. As características estruturais da própria economia de cada

município contribuíram para isso, e puderam de certa forma, ser caracterizadas pelos indicadores de ritmo de crescimento, de nível de crescimento e de especialização produtiva, calculados e analisados.

Estes indicadores sumarizaram que existe um número significativo de municípios em condição de declínio, estagnação ou depressão, e que possuem bases produtivas muito especializadas em atividades dependentes da dinâmica econômica local, com baixas vinculações a outras atividades ou setores econômicos. Isso torna o estado mais vulnerável do ponto de vista dos impactos de uma conjuntura econômica pouco favorável, em que as economias demasiadamente especializadas nos setores de comércio e serviços, sofrem diretamente com as crises cíclicas e pela lenta recuperação.

Por outro lado existem exceções, como é o caso de um grupo reduzido de municípios que se mostraram preparados no sentido do desenvolvimento apontado por Hirschman (1961) sobre os encadeamentos produtivos. Estes municípios possuem setores da agropecuária e indústria de transformação vinculados, gerando sinergia, possibilidade de ganhos de escala e produção de insumos localmente. Além disso, contam com uma estrutura produtiva no formato agroindustrial, com complexos multissetoriais e dinâmicos.

Neste sentido, fica claro que a dinâmica de crescimento dos municípios no período analisado ocorreu de forma polarizada (PERROUX, 1967), em dois polos distintos e bem demarcados. O primeiro na região leste do estado, com destaque para os municípios de Água Clara, Três Lagoas, Costa Rica, Aparecida do Taboado e Brasilândia. O outro polo se constituiu por Dourados e municípios do entorno. No primeiro caso destaca-se o complexo silvícola, e no segundo produção e beneficiamento de grãos.

Ademais, destaca-se a oportunidade para os demais municípios, como uma estratégia de desenvolvimento endógeno, a atração e/ou vinculação de complexos industriais complementares as suas vocações locais, possibilitando a sinergia entre estas atividades, e início de um ciclo virtuoso de geração de emprego, renda e acumulação de capital, que acaba por envolver localmente o setor de comércio e serviços, que por si só não possui tanto dinamismo.

Esta estratégia deve observar a limitação de população e, portanto, de demanda e oferta de mão de obra de alguns municípios. Este argumento depõe em favor de Perroux (1967), no sentido de que a condução do crescimento econômico no Mato Grosso do Sul, deve acontecer em polos dinâmicos, para na sequência, abarcar municípios com menor

capacidade de dinamizar suas economias de forma endógena.

Por fim a sugestão de novos trabalhos diante das evidências é farta, como a análise do nível de complexidade dos municípios identificados como polo, a compreensão da predominância de algumas atividades, as vantagens auferidas da estruturação de complexos produtivos e o papel destes complexos na dinâmica econômica são algumas possibilidades.

### Referências

ALMEIDA, T. A. **Produção teórica em economia regional: das formulações clássicas aos modelos endógenos de desenvolvimento**. In: XII Semana Acadêmica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia. Anais eletrônicos... 2013.

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; (ORG.) **Análise Regional: metodologias e indicadores**. Curitiba: Camões, 2012. p. 134.

CONSTANTINO, M.; PEGORARE, A. B.; COSTA, R. B. D. **Desempenho regional do IDH e do PIB per capita dos municípios de Mato Grosso do Sul, Brasil, entre 2000 e 2010**. Interações, Campo Grande, v. 17, n. 2, p. 234-246, 2016.

COSTANTINO, M. et al. **Caracterização econômica dos municípios sul-mato-grossenses do Corredor Bioceânico**. Interações, Campo Grande, v. 20, n. Especial, p. 179-192, 2019.

CORRÊA, A. S. et al. **Fluxos migratórios no estado de Mato Grosso do Sul (1970-2010)**. Interações, Campo Grande, v. 19, n. 2, p. 325-341, abr./jun. 2018.

FRAINER, D. M. et al. **Uma aplicação do Índice de Desenvolvimento Sustentável aos municípios do estado de Mato Grosso do Sul**. Interações, Campo Grande, v. 18, n. 2, p. 145-156, abr./jun. 2017.

HIRSCHMAN, A. O. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. Edição original de 1958.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conceitos e Métodos. Metadados IBGE, 2015**. Disponível em: <<https://metadados.ibge.gov.br/consulta/estatisticos/operacoes-estatisticas/PK>>. Acesso em: 28 maio 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua Trimestral – PNADT, 2015**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1616>>. Acesso em: 10 agosto 2019.

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Indicadores Econômicos**, Curitiba, 2010. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg\\_conteudo=1&sistemas=1&cod\\_sistema=5&grupo\\_indic=1](http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&sistemas=1&cod_sistema=5&grupo_indic=1)>. Acesso em: 08 mar. 2018.

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Perfil da Região Geográfica Oeste Paranaense**. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=706&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=706&btOk=ok)>. Acesso em: 08 mar. 2018.

LIMA, J. F. D.; PIFFER, M.; OSTAPECHEN, L. A. P. **O crescimento econômico regional de Mato Grosso do Sul**. Interações, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 757-766, out./dez. 2016.

MARSHALL, A. **Principles of Economics**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1890.

MATTEI, F. T.; MATTEI, T. S. **Métodos de Análise Regional: um estudo de localização e especialização para a Região Sul do Brasil**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, v. 38, n. 133, p. 227-243, Jul/Dez 2017. ISSN 2236-5567.

MONASTERIO, L.; CAVALCANTE, L. R. Fundamentos do pensamento econômico regional. In: CRUZ, B. O., et al. **Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil**. Brasília: IPEA, 2011. p. 43-78.

PERROUX, F. **O conceito de polo de desenvolvimento**. In: SCHWARTZMAN, J. ( ). Economia regional: textos escolhidos. Belo Horizonte: Cedeplar, 1955. p. 145-156.

PERROUX, F. **A economia do século XX**. Porto: Herder, 1967.

PIACENTI, C. A. **Indicadores do potencial de desenvolvimento endógeno dos municípios paranaenses, no período 1999/2013**. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2016. 216 p.

PIFFER, M. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do estado do Paraná no final do século XX**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009 (Tese de Doutorado).

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS; MTE - MINISTÉRIO DO TRABALHO. RAIS Estabelecimento. [S.l.]: [s.n.], 2019. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em: 20 agosto 2018.

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS; MTE - MINISTÉRIO DO TRABALHO. RAIS Vínculos. [S.l.]: [s.n.], 2019. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em: 20 agosto 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SEMAGRO – SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, PRODUÇÃO E AGRICULTURA FAMILIAR; IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto Municipal Per capita e Valor Bruto da Produção dos Setores Econômicos, 2016**. Disponível em: <<http://bdeweb.semade.ms.gov.br/bdeweb/>>. Acesso em: 10 agosto 2019.

SEMAGRO – SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, PRODUÇÃO E AGRICULTURA FAMILIAR. **Produto Interno Bruto**

**Municipal 2010 -2016. 2018. 65p.**

**SUZIGAN, W. et al. Coeficientes de Gini locais – GL: aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo. Nova Economia, Belo Horizonte, v.13, n. 2. 2003.**

*Recebido em 22 de março de 2020.*

*Aceito em 28 de abril de 2020.*

*Publicado em 23 de junho de 2020.*